

BOLETIM

INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXIV nº 1362 - 26/09/2016 a 02/10/2016

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

CANOLA

UM MERCADO EM POTENCIAL

SENAR-PR

Mais uma categoria do
Agrinho divulgada

INFRAESTRUTURA

PR-323 – Agora vai?

www.sistemafaep.org.br

Vivemos tempos difíceis na economia brasileira. Embora difícil, há solução. Precisamos nos dispor a sacrifícios. É o que diz o artigo do presidente do Sistema FAEP, Ágide Meneguette ao defender nas páginas desta edição a imposição de um teto para os gastos públicos como uma medida correta e que pode ajudar a conter as contas públicas.

A solução se alinha com o discurso do presidente Michel Temer na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) como chefe de Estado brasileiro ao afirmar que “Nossa tarefa, agora, é retomar o crescimento econômico e restituir aos trabalhadores brasileiros milhões de empregos perdidos. Temos clareza sobre o caminho a seguir: o caminho da responsabilidade fiscal e da responsabilidade social. A confiança já começa a restabelecer-se, e um horizonte mais próspero já começa a desenhar-se”. Esperamos que sim.

O panorama agropecuário dessa semana é sobre canola. Uma cultura que vem ganhando espaço pela perspectiva de boa rentabilidade e aumento do mercado de biodiesel.

Também temos biogás, o modelo da propriedade do presidente do Sindicato Rural de São Miguel do Iguaçu, José Carlos Colombari, que foi retratada em uma reportagem do programa Como Será? da rede Globo, na semana passada.

O tempo não pára e a primavera já chegou. De que forma o tempo afetará a produção? Aliás, a colheita do trigo está acelerada no Paraná. Esses são alguns dos assuntos do Boletim Informativo dessa semana.

Há muito mais nesta edição. Esperamos que você, leitor, aprecie.

Boa leitura!

Índice

Artigo	03
Panorama Agropecuário - Canola	04
Claudicação	08
SENAR-PR - Semeando o Verde	11
50 anos do Sindicato Rural de Paranavaí	12
Agrinho	14
O assunto é...	16
Biogás	18
Grãos	20
Entrevista	22
Clima	24
Notas	25
PR-323	26
Nota / Fundepec	27
Eventos Sindicais	28
Via Rápida	30

Expediente

FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Caldato, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita | **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santarozza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP; Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR

Conselho Fiscal: Sebastião Olimpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

Boletim Informativo

Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon | **Editora:** Cynthia Calderon | **Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, André Amorim e Carlos Guimarães Filho | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuei

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da edição 1362: Fernando Santos, Giuliano Gomes, Shutterstock, Divulgação e Arquivo FAEP

Lições de uma dona de casa

Por Ágide Meneguette, presidente do Sistema FAEP



Na maioria das vezes, a vida é simples, se não, ao menos óbvia em algumas situações. Na economia não tem mágica e nem invenção. A lição de uma boa administração financeira pode ser aprendida com a dona de casa. É preciso planejar, gastar dentro do que se ganha para, ao final do mês, honrar com os compromissos.

Se a carne vermelha está cara, a dona de casa substitui por frango. Se aumenta o preço do feijão, ela procura promoção, um mercado mais barato ou um produto alternativo. Não existe fórmula mágica. Caso contrário, quando o gasto é maior que o ganho, restam duas alternativas: pegar emprestado, pagando juros que podem tornar a dívida impagável, ou dar o calote.

Numa empresa, mudam-se os termos, mas a lógica é a mesma. Há um limite para endividamento. Quando o valor recebido é menor do que o montante a pagar, o resultado só pode ser um prejuízo. O desdobramento desta situação gera redução da produção, desemprego, empréstimos e por aí vai. A diferença é que um administrador responsável, como a boa dona de casa, planeja suas ações e seus gastos. Quando o sinal de alerta acende ele toma medidas que permitam, ao menos temporariamente, reduzir

os custos até que o quadro melhore.

Então, por que com o governo seria diferente? As notícias mostram diariamente que governo federal e os Estados estão, literalmente, quebrados. Não tem de onde tirar dinheiro. Diante disso, a imposição de um teto para os gastos públicos é uma medida correta e que pode ajudar a conter as contas públicas. As despesas não podem ter crescimento acima da inflação, medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA).

Alguns críticos de plantão afirmam que essa medida provocará retrocessos insuperáveis, principalmente nas áreas da saúde e educação. Claro que no curto prazo teremos reflexos negativos. Porém, é preciso arrumar a casa e pensar em longo prazo. Mesmo assim, o governo está tão inchado que, por meio de uma boa gestão, é possível realizar cortes, sem atingir os serviços essenciais à população.

É preciso ter consciência de que os tempos são difíceis e exigem sacrifícios, se quisermos pensar num futuro com crescimento sustentável. Voltando a lição da dona de casa em tempos de recessão, tem que se fazer economia. Buscar alternativas para atender as necessidades básicas e cortar os excessos.

Planejamento é a outra lição que devemos aprender com a dona de casa. Para se alcançar a recompensa, seja um sofá novo ou férias com a família, é necessário um esforço de poupança. As conquistas de amanhã exigem sacrifício hoje.

Certamente, fazem parte da lista de prejuízos incalculáveis, caso as regras básicas de uma boa economia não forem adotadas, não ter dinheiro para pagar as contas no final do mês, ser consumido por empréstimos e perder a credibilidade lá fora. Tudo isso para manter uma máquina pública inchada que atende as demandas eleitoreiras de políticos. Não ter recursos para investir no necessário é, principalmente, onerar o cidadão e o empreendedor com mais impostos. Receita antiga que já deveria ter sido esquecida.

Mais uma vez, vamos lembrar a economia doméstica. Reafirmo, de forma até repetitiva, as medidas são duras, mas necessárias diante do quadro atual.

Futuramente, ainda sem previsão, quando atingirmos o tão desejado equilíbrio financeiro, poderemos dormir tranquilos novamente por termos um país sem recessão, sem desemprego e com oportunidades para quem quiser produzir.

A flor que jorra óleo

Produtores apostam na cultura que pode crescer no Brasil com o aumento da demanda por biodiesel

Por André Amorim

Os campos estão mais belos, não só porque a primavera chegou, mas porque o amarelo vivo das flores de canola reluzem como ouro nas lavouras paranaenses. Não é somente a sua beleza que faz com que a produção tenha uma expectativa de ser 25% maior do que de 2015, apesar da redução de área.

A planta é utilizada na fabricação de óleo para consumo humano, biodiesel e para produção de farelo com alto valor proteico, usado na formulação de ração animal. O óleo de canola é considerado um dos mais saudáveis do mercado, com elevado teor de ômega 3 (que combate a arteriosclerose) e baixo teor de gorduras saturadas. O percentual de óleo que se extrai da oleaginosa é de 38%, muito superior ao da soja, que é, em média, de 18,5%.

O engenheiro-agrônomo Fernando Sozim, de Ponta Grossa, está testando a canola pela primeira vez este ano, numa área de 43 hectares. A escolha se deu por conta de dois fatores: de um

lado as decepções com outras culturas de inverno, sobretudo o trigo; de outro, a dor de cabeça que vinha tendo com ladrões ao plantar milho e feijão. “Como a propriedade é praticamente dentro da cidade, tem muito problema com roubo”, explica.

Também pesou na decisão o bom resultado que um produtor vizinho obteve com a oleaginosa no ano passado e a liquidez da cultura. “A empresa que me vendeu as sementes garantiu a compra da produção após a colheita”, afirma. Além disso, o produtor espera ter uma boa rentabilidade. Segundo ele, o investimento com insumos e sementes ficou próximo de R\$ 2 mil por hectare. Como é a primeira vez que aposta na canola, ele não tem histórico de produção para fazer uma estimativa concreta, mas espera colher, no mínimo, 60 sacas/ha. Se o mercado continuar mantendo a média de preço pago ao produtor que foi de R\$ 68,48 por saca, entre janeiro e maio deste ano, na colheita (no final de setembro), obteria

uma média de R\$ 4 mil por hectare.

O engenheiro-agrônomo acredita que a perspectiva de boa rentabilidade levou muitos produtores da região a apostar na cultura este ano como alternativa de inverno. “O pessoal tá animado, ano que vem vai ter uma explosão no plantio”, avalia. Se a colheita este ano for boa, ele planeja repetir a dose no ano que vem e investir em maquinário.

As perspectivas para a canola no Estado foi um dos temas do “Panorama de mercado das principais atividades da agropecuária paranaense”, material elaborado por técnicos do Sistema FAEP/SENAR-PR, que analisa as principais cadeias do agronegócio no Estado. Segundo o engenheiro-agrônomo do Departamento Técnico Econômico da FAEP, Fernando Aggio, a cultura ocupa 45,2 mil hectares no Brasil, sendo 6,2 mil ha no Paraná e 39 mil ha no Rio Grande do Sul.

Em 2015, o Valor Bruto da Produção (VBP) da canola no Paraná totalizou R\$ 13,8 milhões, montante 93% maior em relação ao VBP da safra 2014. Nesse período, a maior expansão na área cultivada ocorreu na região Norte do Estado, que teve Cornélio Procopio despontando no ranking estadual da Canola em 2015, com 2.400 ha de área plantada. Neste ano a área destinada à oleaginosa no município encolheu para 680 ha. Da mesma forma Ponta Grossa, que detinha a maior área destinada à canola no Paraná, caiu de 3.075 ha em 2015, para 2.420 ha em 2016, segundo dados do Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento (Seab).

Um dos fatores que pode colaborar com uma possível expansão da canola no Estado, segundo Aggio, é que a planta pode ser utilizada em sistemas de rotação de culturas de inverno, contribuindo com o manejo de pragas, doenças e plantas daninhas.

Na região dos Campos Gerais, o produtor Leandro Martincoski vem conseguindo bons resultados na rotação com a canola. Ele consegue encaixar três safras no ano. Em janeiro colhe feijão, em junho colhe a canola e em novembro o trigo. “Onde você põe a canola aumenta uns 20% a produtividade da cultura seguinte, no caso o trigo”, afirma.

Segundo Antônio Milan, engenheiro-agrônomo da empresa Presença Agrícola, como a palha de canola tem uma baixa relação Carbono/Nitrogênio, decompõe-se rapidamente e com isso muitos nutrientes são aproveitados pelo trigo.

Nas lavouras de Martincoski, a canola vem ganhando força. Desde que testou a cultura pela primeira vez, há três anos, ele vem expandindo a área. “O trigo estava inviável aí plantei em uma pequena área para testar”, lembra. No segundo ano, a área destinada à oleaginosa saltou para 250 ha. “Dei uma de louco”, brinca. Naquele ano, chuvas de pedra causaram perdas em uma área de cerca de 100 ha, mas o fato não desanimou o produtor, que neste ano plantou 300 ha de canola. Em sua propriedade, cada talhão é um experimento em busca do melhor resultado. “Faço vários tipos de ensaio, aumento adubo numa área, diminuo em outra; coloco mais semente, menos semente, etc. Depois colho e peso para ver qual foi o melhor resultado”, explica.



A estratégia parece estar dando certo. Este ano ele afirma ter colhido colheu uma média de 2.300 Kg por hectare, chegando a 3.700 kg/ha em alguns talhões. Lembrando que o Panorama Agropecuário aponta a produtividade média no Paraná de 1.700 Kg/ha.

Além do rendimento, a facilidade na comercialização é outro ponto que anima o produtor. “O bom é que a liquidez é certa. O que você produzir tem mercado”, afirma. Assim como outros produtores da região, Martincoski entrega a produção para a empresa Presença Agrícola, que promove o fomento da canola no Paraná através de uma parceria com a Celena Alimentos, companhia gaúcha com sede em Eldorado, que produz óleo de canola. Atualmente a saca de canola tem seu preço balizado pela soja.

Biodiesel



Planta da Potencial Biodiesel instalada na Lapa, Região Metropolitana de Curitiba

Apesar de tratar-se de uma atividade sem o grande alcance econômico das grandes culturas, como soja, milho e trigo, a canola tem grande potencial de crescimento. De acordo com Aggio, “A canola está despontando como uma opção atrativa para o inverno caso a indústria de biodiesel nacional venha a utilizar em maior escala em substituição a soja”.

O biodiesel vem sendo introduzido na matriz energética brasileira como alternativa ao diesel de petróleo. Em agosto deste ano, a Agência Nacional do Petróleo e Biocombustíveis (ANP) realizou seu 50º leilão de biodiesel, no qual foram negociados 674,4 milhões de litros.

Os leilões de biodiesel da ANP têm como objetivo atender o disposto na Lei nº 13.033, publicada no Diário Oficial da União em 24/09/14, que estabelece em 7% o percentual mínimo obrigatório de adição de biodiesel ao óleo diesel mineral vendido ao consumidor final. No ano que vem a perspectiva é que este percentual suba para 8%, aumentando a demanda de oleaginosas. Na União Europeia, o óleo de canola responde por dois terços da matéria-prima usada na produção de biodiesel. No Brasil, segundo Boletim Mensal dos Combustíveis Renováveis de agosto deste ano, o óleo de soja responde

por 77,9% de todas as matérias-primas para produção de biodiesel, o sebo bovino aparece em segundo lugar com 16,7% e o restante é formado por outros óleos vegetais, como o óleo de algodão.

Segundo o analista de fomento agrícola da Potencial Biodiesel, Lucas Carrilho, a canola só não é uma realidade hoje para a produção de biodiesel por conta do alto valor do seu óleo. Embora o valor da saca de canola seja igual ao da saca de soja no balcão, o preço do óleo de canola é muito superior ao de soja. “O óleo de canola é um produto nobre, enquanto que o óleo de soja é um coproduto”, explica Carrilho. Segundo ele, a diferença de valor entre estas duas matérias-primas é da ordem de 100%.

Instalada na Lapa (Região Metropolitana de Curitiba) a Potencial Biodiesel é a segunda maior usina de biodiesel do país, com capacidade instalada para processar 1.065m³ por dia. Para atender ao

aumento no percentual de 8% de biodiesel no diesel mineral no ano que vem, a Potencial deve ampliar sua produção em 40%. As matérias-primas utilizadas atualmente são óleo de soja, sebo bovino, óleo de vísceras de frango e óleo de fritura recuperado.

Segundo Carrilho, o óleo de canola pode se tornar uma opção atrativa em 2020, quando a empresa pretende instalar uma esmagadora. “Aí vamos fazer a conta pra ver se compensa. Hoje pegar o óleo de canola já processado é inviável”, explica.

Segundo o engenheiro-agrônomo, Coordenador de Selo Combustível Social da gaúcha SBSIOS, Fábio Júnior Benin, dentre as vantagens da canola para produção

de biodiesel está o fato de que a cultura que se encaixa perfeitamente nos sistemas produtivos brasileiros, como opção para rotação de culturas no período do inverno. “A canola é uma cultura que tem potencial de suprir demandas de matéria-prima para produção de biodiesel, necessitando que haja uma produção em escala maior para atender as demandas crescentes do setor”, observa.

A SBSIOS desenvolve, desde 2007, ações de fomento para a cultura da canola com vistas a atender a crescente demanda por matéria-prima para produção de biodiesel. Sua atuação vai desde a estruturação de ações de capacitação técnica, apoio a ações de pesquisa e extensão (junto a empresas privadas e públicas de pesquisa e extensão, como Embrapa e Emater) e treinamentos técnicos, além de ações comerciais diretamente com a cultura, com trabalho de fomento a campo diretamente com produtores e em parceria com cooperativas e cerealistas.

Por enquanto, como a área de cultivo de canola ainda não permite um volume de produção que atenda as demandas da empresa, a produção é direcionada para outros mercados, como o de óleos comestíveis para alimentação humana.

Colza ou canola?

Existem duas variedades de canola, ou colza, a *Brassica napus L.* e a *Brassica rapa L.*, sendo que no Brasil cultiva-se a espécie *napus*. A espécie *rapa*, chamada invernã, é produzida principalmente na União Europeia, Canadá, Austrália e possui um potencial produtivo maior, porém necessita de temperaturas mais baixas, fato que impede a sua produção no Brasil.

A planta é da família das crucíferas, como a couve, o repolho e o nabo. O nome Canola provém de uma sigla Canadian Oil Low Acid, que traduzido do inglês significa "óleo canadense com baixo teor de ácido". Trata-se de uma variedade de colza obtida a partir de cruzamentos de plantas com baixos teores de ácido erúcido, mais adequada ao consumo humano e de outros animais.

A pesquisa de novos cultivares tendeu tanto para a produção de variedades menos ácidas, como para outras com elevados teores de ácidos graxos, que têm ampla utilização na indústria como lubrificantes. Segundo publicação online da Embrapa Trigo, durante a segunda guerra mundial, o bloqueio das fontes de lubrificantes europeias e asiáticas levou a colza para o Canadá, onde o cultivo da oleaginosa prosperou e houve o aperfeiçoamento genético para melhorar as variedades para diferentes tipos de consumo (industrial ou alimentar). Hoje o Canadá responde por 22% da produção mundial de colza.



De olho no caminhar do rebanho

‘Manqueira’ é sinal de problema com a saúde e o bem-estar do animal, que se não for tratado, pode gerar prejuízos financeiros para o negócio

Por Carlos Guimarães Filho



Claudicação: problema comum na maioria das propriedades

A simples tarefa de o produtor observar o deslocamento, o caminhar dos animais nas propriedades, principalmente nas atividades envolvidas com pecuária leiteira, pode ser o diagnóstico inicial para evitar significativos prejuízos financeiros para o negócio. O ato de ‘manqueira’ é sinal de que alguma enfermidade, de fundo biomecânico e/ou infectocontagiosa, acomete o ruminante.

“O animal quando sente dor em qualquer região do sistema locomotor a demonstra na forma de uma “manqueira”, no termo técnico, claudicação. Esse é um problema bastante comum nas propriedades, principalmente nas de leite”, explica Daniel Ollhoff, médico-veterinário e professor do curso de Medicina Veterinária e do programa de pós-graduação em Ciência Animal da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

Apesar da observação do rebanho ser considerada uma tarefa relativamente simples, muitos pecuaristas têm dificuldade em identificar os animais que sofrem com a claudicação. Para o especialista, a média nacional do rebanho nacional de leite com ‘manqueira’, num cálculo conservador, é de 30%, índice considerado alto diante do cenário mundial.

“Como o produtor vê o animal todo o dia mancando, acaba achando que isso faz parte da rotina. Precisamos sensibilizar o olhar do pecuarista, para que tenha um cuidado mais apurado, reconheça esse sintoma e faça a intervenção necessária para evitar prejuízos”, reforça Ollhoff. “Quando o animal não produz, pode não ter doença alguma. Mas o simples desconforto em se locomover reduz a quantidade de alimento ingerido, pois ele não vai tantas ve-

zes até o cocho ou perde a disputa com outros animais”, complementa Alexandre Lobo Blanco, técnico de pecuária do SENAR-PR.

Para fomentar esse processo, a PUCPR, em parceria com o Sistema FAEP/SENAR-PR e outras entidades do setor, irá promover o I Simpósio Brasileiro de Claudicação em Ruminantes e o I Workshop Internacional de Podologia Bovina, entre os dias 7 e 9 de novembro, em Curitiba. Ao longo dos três dias, especialistas, inclusive da Nova Zelândia, irão debater as diferentes doenças envolvidas com a claudicação, prevenção e tratamentos.

“Queremos fomentar essa questão, pois, comparado com outros países como a Alemanha e a Holanda, o Brasil tem que melhorar bastante na questão do bem-estar animal”, destaca Blanco.

Além das palestras e debates sobre o assunto, o terceiro dia do evento será dedicado à prática. Os participantes irão realizar uma visita técnica na bovinocultura leiteira na fazenda experimental Galha Azul, da PUCPR, com enfoque na podologia e bem-estar. Na ocasião, Emerson Orestes Ferrazza, do SENAR-PR, será um dos instrutores na parte de apara funcional (casqueamento) e intervenções cirúrgicas.

Curso Casqueamento de bovinos de leite do SENAR-PR

Fora do período do Simpósio, o SENAR-PR, por meio dos sindicatos rurais, oferece o curso de casqueamento de bovinos de leite.

Ao longo das 16 horas de aulas, os pecuaristas e trabalhadores aprendem, na prática, a execução do casqueamento de bovinos de leite prevenindo e corrigindo possíveis anomalias.

Programação inclui apresentação dos materiais e equipamentos, exames dos cascos, partes anatômicas do casco, casqueamento corretivo e pedilúvios para animais.

Informações no site:

www.sistemafaep.org.br

“O ruminante precisa ter conforto”



Leia a entrevista com o médico-veterinário Daniel Ollhoff, um dos organizadores I Simpósio Brasileiro de Claudicação em Ruminantes, sobre os impactos da claudicação no desempenho do rebanho e os principais temas do evento.

Boletim Informativo: Dentre as doenças que acometem os rebanhos, a claudicação aparece entre as principais?

Daniel Ollhoff: No grupo das enfermidades que ocorrem nas propriedades leiteiras, as principais são desordens na parte reprodutiva, mastite e problemas com o casco.

BI: Quais os principais prejuízos gerados pela claudicação?

DO: Normalmente, o produtor enxerga o prejuízo no casco quando pega o animal muito manco e chama o veterinário. Terá gastos com assistência médica, medicamento e curativo. Mas esse é o menor gasto. Existem os prejuízos indiretos que impactam no negócio (leia detalhes na página 10).

BI: Quais as principais medidas preventivas a serem adotadas?

DO: Isso depende de rebanho para rebanho. O ideal é o produtor chamar um bom técnico, que conhece o assunto, para fazer um levantamento na proprie-

dade. Ele poderá identificar os pontos críticos para saúde do casco, da locomoção dos animais, como a saída da ordenha, superlotação, piso com resto de entulho jogado nos piquetes. Além disso, é preciso sempre checar a alimentação, ficar de olho na compra e venda de animais e realizar um casqueamento de maneira correta, uma apara funcional do casco, para devolver a sua correta função.

BI: Hoje, de uma forma geral, os produtores realizam o casqueamento da maneira correta?

DO: Sim, os pecuaristas sabem da importância e realizam. Porém, falta mão de obra especializada, pessoas que façam isso com mais frequência e regularidade. Existe um déficit, pois a área não é tão atrativa. O casqueador é visto como um emprego sujo e duro e que o profissional não vai aguentar por muito tempo.

BI: Como mudar esse cenário?

DO: Esse tipo de profissional tem que usar equipamento adequado para ele e para o animal. O ruminante precisa ter conforto, enquanto o profissional precisa trabalhar com conforto e de maneira eficiente. Existem equipamentos, mas são poucos no Brasil, pois a maioria é importada e cara. Está aí uma demanda aberta para a indústria nacional investir.

BI: Quais os principais temas debatidos no evento?

DO: Vamos abordar, por meio de palestras, as diferentes doenças, prevenção e tratamento. Também iremos debater como denominar essas doenças entre os técnicos. Tem ocorrido muita regionalização. Isso acaba por afetar o processo, pois, por exemplo, tem estudo chamando de forma diferentes uma mesma doença, dependendo da região. Queremos reunir os técnicos que trabalham com o tema para todo mundo chamar maçã de maçã. Igualmente iremos atualizar todos os avanços que a área vem tendo.

BI: Qual o público esperado para o Simpósio?

DO: Acredito que será bastante variado. Desde produtores sensibilizados e que estão começando a enxergar o problema dentro da propriedade, passando por veterinários e casqueadores. Também estamos focando nas novas gerações, os acadêmicos, para que fiquem sensibilizados desde já para levar o tema para o campo.

Conheça os principais problemas causados pela claudicação e como isso impacta no negócio

Diminuição da produção de leite - muitas vezes, uma vaca mancando radicalmente está produzindo bem na avaliação do produtor. Porém, de acordo com dados, pode estar até 17% abaixo da sua capacidade produtiva plena.

Perda de peso – o animal emagrece muito, pois tem dificuldade para chegar ao local onde está o alimento e, na hora da disputa com os demais, está em desvantagem. Na hora de vender, o produtor recebe pouco pela carcaça.

Baixa fertilizada – a dor provoca uma mudança na parte hormonal do animal que acaba apresentando baixa fertilidade. Em rebanhos com problema de claudicação, a dose de sêmen por bezerro nascido é elevada.

Descarte precoce – essa é uma preocupação grande no Paraná, onde a média é alta. Muitas vezes, o animal que manca entra na lista negra do produtor e acaba descartado.

Mastite - como o animal tem dor, permanece mais tempo deitado. Desta maneira, o ubre fica períodos longos em contato com o chão, aumentando a chance de doenças como a mastite.

Serviços

I Simpósio Brasileiro de Claudicação em Ruminantes e o I Workshop Internacional de Podologia Bovina

7 a 9 de novembro

Auditório Irmão Albano - Bloco Vermelho

PUCPR - Curitiba

Inscrições e informações pelo e-mail

sinternacional.camvpucpr@gmail.com

Alunos do PR e MS participam das ações do Semeando o Verde

Realizado há cinco anos, projeto de educação ambiental estimula a consciência de crianças por meio de atividades educativas, culturais e plantio de árvores



Cerca de 5 mil alunos de escolas municipais do Paraná e Mato Grosso do Sul participam da edição 2016 do Semeando o Verde, projeto realizado pela Usina Santa Terezinha em parceria com o SENAR-PR, secretarias municipais de educação, Arysta Lifescience, Instituto Ambiental do Paraná (IAP), Emater e sindicatos rurais. Com foco na educação ambiental, o projeto acontece durante todo o mês de setembro, em comemoração ao Dia da Árvore (21).

O Semeando o Verde envolve estudantes do 3º, 4º e 5º anos em atividades lúdicas e educativas que englobam a temática da preservação ambiental. Por meio de palestras, peças teatrais, concursos

culturais, premiações e plantio de mudas de árvores, os alunos da rede pública têm a oportunidade de aprender e refletir sobre a conservação do meio ambiente, tornando-se disseminadores de uma cultura sustentável.

Realizado desde 2012, o Semeando o Verde atende 13 municípios nas regiões em que estão alocadas as 11 unidades produtivas da Usina Santa Terezinha. O projeto é realizado com a participação de colaboradores e voluntários e, desde a sua primeira edição, já plantou mais de 140 mil mudas de árvores nativas e frutíferas, recuperando aproximadamente 50 Áreas de Preservação Permanente (APPs). Em 2016, as 27 mil mudas utilizadas no plantio foram cultivadas em viveiros próprios da empresa e também recebidas por meio de doações do Instituto Ambiental do Paraná (IAP) e Itaipu Binacional.

O Semeando o Verde já promoveu atividades com mais de 20 mil alunos de cerca de 50 escolas municipais,

desde a sua criação. Ana Patrício de Santi, coordenadora pedagógica da Secretaria de Educação de Nova Esperança – cidade que recebe o projeto pela primeira vez – frisa a importância das atividades para as escolas do município. “Eu não imaginava que o projeto teria o impacto que está tendo com os professores, alunos e nas escolas de forma geral. Está sendo muito importante para o município porque, além de reforçar o assunto da preservação ambiental – que já é trabalhado em sala de aula –, o Semeando o Verde dá a oportunidade para as crianças participarem de atividades culturais e incentiva o desenvolvimento pedagógico e a criatividade de professores e alunos com os concursos de desenho e redação”.

Sindicato de Paranavaí comemora 50 anos

Jubileu de ouro da entidade foi celebrado em um jantar que reuniu autoridades e produtores rurais



O presidente do Sistema FAEP, Ágide Meneguette, o presidente do Sindicato Rural de Paranavaí Ivo Pierin Jr. e autoridades durante o jantar de comemoração

O papel de um sindicato rural é dar suporte aos seus associados para que possam desenvolver suas atividades produtivas com qualidade e segurança. Quando esse papel é bem feito, o resultado é uma agricultura pujante, que irradia seus efeitos positivos para toda comunidade ao redor, pois é sabido que aonde o agronegócio vai bem, os indicadores econômicos e sociais também vão bem.

Um dos exemplos dessa atuação vem do Sindicato Rural de Paranavaí, que no último dia 16 de setembro completou 50 anos, com várias ações para serem comemoradas ao longo dessa história. A data foi celebrada em um jantar aberto a todos os associados do sindicato e seus familiares e contou com a presença de diversas autoridades, como o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette, o secretário estadual de Agricultura e Abastecimento, Norberto Ortigara, além de prefeitos da região, deputados e lideranças rurais. Cerca de 500 pessoas prestigiaram o evento. “O sindicato tem desenvolvido um grande trabalho nesses 50 anos.

Se temos toda essa diversificação é fruto de um trabalho tenaz do sindicato para levar a pesquisa, plantio e agroindústria para o município e região”, afirmou Ágide.

Segundo o presidente do Sindicato Rural de Paranavaí e vice-presidente da FAEP, Ivo Pierin Jr., a cerimônia foi bastante prestigiada pelos seus 230 associados. Essa participação reflete não só o respeito e a confiança pelo trabalho do sindicato, mas também demonstra que o produtor da região se sente à vontade na instituição, onde encontra apoio e solidariedade para continuar produzindo.

Além de ações do dia a dia voltadas diretamente aos produtores, o Sindicato Rural de Paranavaí se envolveu em diversas campanhas da sociedade, muitas vezes encabeçando ações para promover a melhoria da qualidade de vida na região. Foi o caso da duplicação do trecho entre Nova Esperança e Paranavaí da BR 376 que o sindicato encampou a demanda da comunidade, como

fez em outras situações. “Esse projeto nasceu dentro do sindicato”, explica Pierin. Ele conta que, quando o governador Beto Richa iniciou seu primeiro mandato, foi elaborada uma lista de reivindicações para a região, que – dentre outros temas - trazia a necessidade de duplicação deste trecho da rodovia.

Foi criada uma campanha que durou vários anos com uso de outdoors, distribuição de adesivos e outras ações para sensibilizar o poder público em relação à importância desta obra. “A ideia é duplicar até o Mato Grosso do Sul encurtando a distância entre as regiões produtoras de soja e incrementando o turismo regional”, afirma Pierin, referindo-se à costa do Rio Paraná onde há diversos locais para turismo que poderiam atrair visitantes do Estado vizinho.

Outro pleito vitorioso, que foi encampado pelo Sindicato Rural, foi a instalação da reitoria da Universidade Estadual do Paraná (Unespar) em Paranavaí. “Foi a unificação de vários campi que estavam isolados em diversas cidades”, explica Pierin. O sindicato também está à frente na área da educação pleiteando autorização junto ao Ministério da Educação para instalação de uma faculdade de Medicina na região. “Queremos aproveitar o poder transformador da universidade, tanto para o desenvolvimento regional, quanto para a questão da saúde”, afirma o dirigente.

Como o município está localizado na região do arenito, onde o solo é mais frágil, o Sindicato Rural de Paranavaí sempre trabalhou em busca de diversidade de ou-

tras culturas mais adaptadas a essa condição como mandioca e laranja. A sede da Associação de Produtores de Mandioca do Noroeste do Estado do Paraná (Aproman), por exemplo, funciona dentro do sindicato. “A Associação Brasileira dos Produtores de Amido de Mandioca (Abam) também tinha uma sede itinerante, a primeira vez que houve uma sede fixa, foi no sindicato rural de Paranavaí”, diz Pierin.

No caso da laranja, não foi diferente. A cultura vem crescendo na região e conta com duas empresas esmagadoras que exportam a produção. A Associação dos Citricultores do Paraná (Acipar) também funcionou dentro do sindicato durante seus primeiros anos de existência.



A cerimônia dos 50 anos foi bastante prestigiada pelos seus 230 associados

NOTA

Semana das Leguminosas



Você sabia que o grão de bico, a lentilha, a ervilha e o feijão também são chamados de plantas “Pulses”? Pois é, a palavra

Pulse, em inglês, significa um tipo de leguminosa e, em 2016, a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura, a FAO, elegeu como o Ano Internacional dos Feijões e Leguminosas.

Com a finalidade de divulgar o alto valor energético e baixo teor de gordura das leguminosas, a FAO, com o apoio de diversas entidades, entre elas, o SENAR-PR, promove no período de 10 a 16 de outubro, a Semana das Leguminosas nos restaurantes paranaenses. Nessas datas, os estabelecimentos, que se inscreverem para participar do evento, irão oferecer pratos elaborados com diversas leguminosas, como o feijão, feijão de corda, lentilha, ervilha, grão de bico, fava, tremoço, entre outras variedades.

No dia 20 de setembro, o restaurante-escola do Senac preparou um menu especial com pratos a base de pulses. A instituição também está preparando um livreto de receitas que serão disponibilizadas no site: <https://www.pr.senac.br>

Os bons frutos do Programa Agrinho

Em Quatro Barras, na RMC de Curitiba, o envolvimento de crianças e professores

Por Hemely Cardoso



Na Escola Municipal Izair Lago, em Quatro Barras, o Programa mobilizou 600 crianças

ESCOLA AGRINHO - REDE PÚBLICA

Colocação Regional	Regional	Escola
1º	Curitiba	Antonio J. de Carvalho, e m-ed inf e fund
1º	Ponta Grossa	Estacao do Tronco, e r m de-e inf e fund
1º	Irati	Carlos Gomes, e r m - ed inf ens fund
1º	Guarapuava	Pedro V. P. de Souza, e r m-ed inf e fund
1º	Francisco Beltrão	Visao do Futuro, e r m - ed inf ens fund
1º	Matelândia	Serafin M. de Souza, e m-ed inf ens fund
1º	Campo Mourão	Monteiro Lobato, e m - ed inf ens fund
1º	Londrina	Correia de Freitas, e m - ed inf ens fund
1º	Umuarama	Telma A.P. P. Bonfim, e m profa-ed inf fund
1º	Mandaguçu	Não recebemos trabalho

obs: ordenação por regional do SENAR-PR

ESCOLA AGRINHO - REDE PARTICULAR

Colocação Estadual 1º

Clodoaldo S. de França, e-ei ef mod e esp - apae

Terceiro colocado na categoria Município do Concurso Agrinho 2016, Quatro Barras, na Região Metropolitana de Curitiba (RMC), está colhendo os bons frutos do envolvimento de alunos e professores. Neste ano, o Programa envolveu seis escolas públicas do Ensino Fundamental e uma de Educação Especial, com o desenvolvimento de diversas ações, dentre elas, projetos de alfabetização e até as obras de asfaltamento em frente a um dos colégios.

Há 10 anos, a Secretaria Municipal de Educação utiliza o material didático do Programa Agrinho em sala de aula. “Nossos professores se motivaram e fizeram belíssimos trabalhos e, hoje, temos nossa realidade transformada graças ao Programa Agrinho”, relata a pedagoga Luciana Simioni Andreatta, coordenadora pedagógica da Secretaria.

Na Escola Municipal Izair Lago, no Bairro Borda de Campo, o Programa mobilizou 600 crianças em uma ação de trânsito que resultou na construção do asfalto em frente à escola. A obra era uma demanda antiga da instituição e foi concluída no mês passado. Os professores também estimularam os alunos através da implantação de uma horta, com a criação de uma cisterna e compostagem.

Além dessas ações, o “Projeto volta ao Mundo” está envolvendo as sete escolas com o objetivo de levar o conhecimento sobre outros países do mundo. “Os professores ensinam sobre o povo, a culinária, a religião, os costumes e curiosidades de outros países”, conta a pedagoga, acrescentando que uma vez por mês, os colégios oferecem aos alunos um prato típico de cada país estudado durante a merenda escolar. “Quando as crianças estavam estudando sobre os Estados Unidos, por exemplo, o prato foi hambúrguer e batatas fritas”, explica. O projeto se estende até o final deste ano letivo.

Quando se trata do papel do Programa Agrinho, Luciana não poupa elogios. “A gente acreditava que muitas coisas não sairiam do papel, mas, as ações desenvolvidas e estimuladas através do Programa transformaram a realidade da nossa comunidade”.



Alunos cuidam da horta da Escola Municipal Izair Lago

Premiação

No próximo dia 24 de outubro, no Expotrade, em Pinhais, acontece a premiação do Concurso Agrinho 2016. Neste ano foram recebidos 4.907 trabalhos em todas as áreas - experiências desenvolvidas pelos alunos e professores de todos os cantos do Paraná. Na categoria Município Agrinho, o município de Moreira Sales ficou em primeiro lugar e Ribeirão Claro na segunda colocação.

Escola Agrinho

O SENAR-PR também divulgou o resultado dos primeiros lugares regional da categoria Escola Agrinho. **Confira:**

Município	Diretor	Responsável pelo Relato
Campina Grande do Sul	Luciane Nowotny	Marineia Manenti
Castro	Ana Glaci Carneiro Leal Bachmann	Adriane Aparecida Carneiro de Jesus
Paulo Frontin	Sabrina Konkel	Sabrina Konkel
Nova Laranjeiras	Lucia Nairne	Liliana P. Hemerich
Chopinzinho	Enedir Cristina Tomazzi Bochio	Enedir Cristina Tomazzi Bochio
São Miguel do Iguaçu	Cátia Regina Frasson	Geni Kelli Dal Moro
Goioerê	Angela Maria Souza Zobot	Ieda Maria Pereira
Ribeirão Claro	Daniela Rodrigues Martelini Rahuam	Nilza Fernandes Otávio
Altônia	Marta Cristina Ferreira Pizzi	Maria Aparecida de Souza
Pitanga	Silvana Maria Lopes Fachin	Marizeli Terezinha Beló

Vinhos para saborear



Por Renato Garcia Lima – Enólogo

dade do casal Ambrósio e Justina Fardo, a ordem é: “Elaborar vinhos para saborear”.

Esse desafio fez com que eu fincasse os pés no casarão de mais 1,6 mil metros quadrados em estilo medieval da Vinícola Família Fardo, erguido em pedras basalto vindas do Rio Grande do Sul e que encanta os visitantes por sua beleza e cuidado para com o vinho. Elaborar a bebida para saborear não é simplesmente fazer algo para beber. A premissa é muito maior, e o desafio foi aceito. Desde que entrei para a equipe, a Família Fardo, até hoje, lançou mais de 13 rótulos, além de espumantes, grappa e suco de uva.


Atuar em uma vinícola estruturada é um gostoso desafio que deve ser potencializado na busca da elaboração de vinhos de alta qualidade. O contato direto com o público nos faz moldar os vinhos considerando aspectos técnicos e as premissas de qualidade interna que se deseja. Sabemos que

no Paraná o cultivo de parreirais ainda é incipiente o que nos leva a cultivar a fruta em outras regiões brasileiras. E foi justamente isso que despertou a criatividade da equipe. Os perfis sensoriais que podem ser mesclados, com essa diversidade, resultam em vinhos com forte personalidade.

A linha de vinhos de ‘corte’ denominada Encontro, é uma das que mais agradam os amantes da bebida. Diferente de linhas que tratam de vinhos varietais safrados, bebidas de uma única variedade e de uma única safra, a categoria ‘corte’ é determinada pela mescla de diferentes uvas, safras e localidades.

A linha Encontro se assemelha ao que no mundo tradicional conhecemos como as denominações de ‘origem’ onde o perfil do vinho final é buscado e não apenas a variedade de uva empregada. Nesta linha, temos, portanto, perfis de vinhos distintos.

E já que estamos na estação das flores, para a primavera 2016, desenvolvemos um vinho fresco, floral



e alegre, predicados típicos do mais belo período do ano. Dentro da linha Encontro, lançamos recentemente o vinho 'Fiori' que é um corte da uva Malbec da Serra Catarinense e da variedade Malvasia da região do município de Dois Vizinhos, no Paraná. O rótulo harmoniza bem com queijo brie, massas com molhos leves, frutos do mar ou mesmo no happy hour.

Cada vinho é elaborado com um conceito próprio. Aqui na Vinícola, respeitamos as condições climáticas de cada ano e não temos a intenção de elaborar vinhos 'seriados'. A cada temporada o vinho tem um perfil próprio que vamos avaliando desde o início da brotação nos parreirais dos parceiros que nos fornecem as uvas. Como exemplo, na variedade Cabernet Sauvignon, que tem vinhos engarrafados das safras 2009, 2010 e 2011, cada uma possui um perfil próprio devido a origem das uvas bem como das técnicas de vinificação empregadas para tirar o melhor proveito.

Como uma garrafa de vinho é única, procuramos orientar nossos clientes na harmonização com diferentes tipos de pratos. Nas visitas guiadas por nossa estrutura, procuramos dar essa dica às pessoas.

Temos um forte trabalho para tentar despontar a produção paranaense. E a exemplo do Fiore que leva uvas daqui do nosso Estado, no ano de 2015 fizemos o lançamento do vinho branco Malvasia. Esse rótulo também foi elaborado com uvas cultivadas em Dois Vizinhos. O sucesso foi tamanho que precisamos fazer diferentes envasamentos devido a procura. O que chamou a atenção dos consumidores é a leveza e o frescor que essa bebida possui.

Por sermos um país tropical e nas estações mais quentes o vinho branco cair muito bem, o brasileiro está descobrindo este novo 'capítulo' no mundo dos vinhos, impulsionado pelos espumantes nacionais que são muito bem avaliados no mercado. Com essa característica 'desmistificada', cabe a criatividade de cada vinícola permitir que todo o brasileiro possa explorar o paladar singular do vinho.

Serviço

Rodovia Regis Bitencourt (BR-116, km 69), nº 550, Quatro Barras (sentido São Paulo).

Loja Virtual: www.familiafardo.com.br

Telefone: (41) 3672-1693 / (41) 3672-4488

Atendimento de domingo a domingo, das 9h às 17h

Energia que vem da granja

Presidente do Sindicato Rural de São Miguel do Iguçu gera economia com modelo sustentável de produção de energia



Na sua granja, o produtor José Carlos Colombari, tem cinco mil suínos, cada um produzindo em média 10 mil litros de esterco por dia

Um dos principais polos de produção de proteína animal do país, a região Oeste do Paraná também possui grande potencial para produção de biogás, obtido a partir do tratamento de dejetos de animais. Através do biogás é possível gerar energia elétrica e biometano, que pode ser utilizado para alimentar automóveis.

Nesse processo, a energia acaba sendo um produto secundário, uma vez que os benefícios sanitários e ambientais são ainda maiores. Em São Miguel do Iguçu, um dos 16 municípios localizados às margens do reservatório da usina de Itaipu, no Rio Paraná, há alguns anos havia a preocupação com os dejetos de animais,

que eram levados pelos cursos d'água, indo parar nas águas utilizadas pela usina, causando diversos tipos de problemas.

Uma solução inteligente para unir sustentabilidade e economia foi instalar nas propriedades rurais biodigestores para processar essa matéria orgânica. É o caso da propriedade do presidente do Sindicato Rural de São Miguel do Iguçu, José Carlos Colombari, que foi retratada em uma reportagem do programa Como Será? da rede Globo, na semana passada.

Colombari foi o primeiro a instalar um biodigestor na região. A ideia surgiu em 2000, quando o dirigente foi morar na propriedade com a família e deparou-se com o seguinte dilema: Como dar um destino ambientalmente correto aos dejetos de suínos? Na época, esse material ficava em lagoas a céu aberto. Além do desconforto causado pelo mau cheiro, o esterco quando deixado ao ar livre produz dióxido de carbono e metano, dois gases tóxicos que contribuem para o efeito estufa.

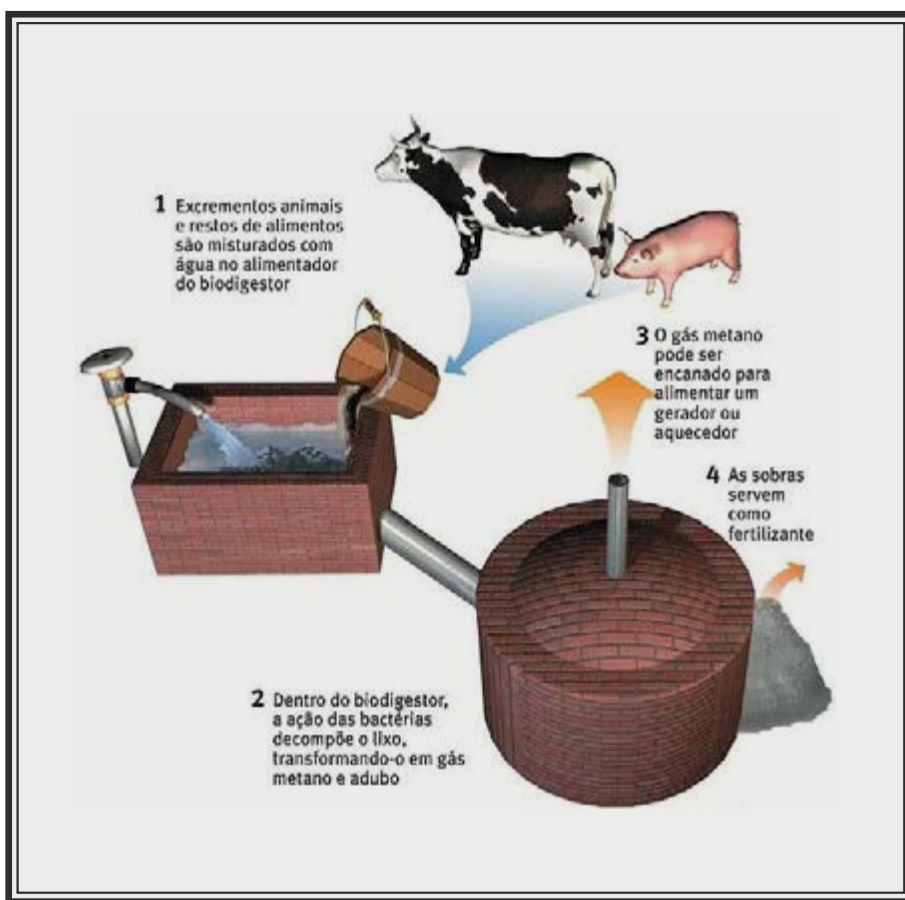
Na sua granja Colombari tem cinco mil suínos, cada um produzindo em média 10 litros de esterco por dia. Hoje esse material é todo canalizado para dois biodigestores do tipo lagoa coberta, que totalizam 2.200 m³ de capacidade de armazenamento.

Sem oxigênio, a matéria orgânica passa por um processo bioquímico, no qual as bactérias decompõem o esterco gerando uma parte gasosa - o biogás, formado por metano e gás carbônico -, e outra parte líquida, rica em nutrientes, que é usada como biofertilizante nas lavouras e pastagens da propriedade.

Outro benefício, segundo Colombari afirma na reportagem, é a possibilidade de otimizar a área destinada às pastagens. "Na pecuária brasileira a média é de um animal por hectare. Aqui na propriedade, com o uso do biofertilizante, nós conseguimos colocar dez animais por hectare. Ou seja, aqui a gente consegue ser dez vezes mais eficiente do que a média nacional", avalia.

Energia

O biogás gerado a partir dos dejetos da propriedade alimenta um motogerador, que converte esse material em energia elétrica, gerando economia e contribuindo com o meio ambiente. Hoje essa energia é suficiente para manter funcionando toda a propriedade de Colombari e ainda há excedente. "Poderia atender a demanda



de umas 20 residências por mês”, calcula o produtor.

A fábrica de ração instalada na propriedade também funciona com a energia do biogás. Segundo o proprietário, antes da instalação dos biodigestores eram utilizados dois mil litros de diesel por mês para produzir alimento para dois mil animais. “Hoje com cinco mil animais eu estaria gastando cinco mil litros de diesel, mas com a produção de energia própria não estou gastando nada”, comemora. “Produzindo a minha própria ração, utilizando o meu milho e a minha soja, eu agrego valor à atividade agrícola, transformando proteína vegetal em proteína animal”, afirma.

Colombari também é pioneiro em vender o excedente de energia elétrica para a Companhia Paranaense de Energia (Copel). Segundo o presidente da Associação Brasileira de Biogás e Biometano, Cícero Bley, a energia é um fator que impulsiona o desenvolvimento econômico de uma região. “Durante 30, 40 anos a energia foi concentrada no Brasil, com grandes geradores como Itaipu, Tucuruí. Mas vai ter que ser complementado por um outro grupo de pequenos geradores que vão movimentar recursos energéticos locais e regionais”. Com isso evita-se gastos astronômicos com gasodutos e linhas de transmissão para levar a energia do centro produtor para locais mais distantes. A geração local de energia na propriedade, além de ambientalmente correta e economicamente atraente, aponta para o futuro do setor elétrico.

Paraná inicia colheita de trigo

Apesar da redução de área, produção e produtividade cresceram

O ritmo da colheita de trigo no Paraná acelerou na semana passada e a expectativa é de que sejam colhidas 3,3 milhões de toneladas na temporada 2016. Da área total cultivada em território paranaense que é de 1,08 milhão de hectares, já foi colhida mais de 20%, sendo que 54% das lavouras estão em maturação, segundo dados do Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria de Agricultura e do Abastecimento (Seab).

O Paraná é o maior produtor nacional do cereal e a estimativa é de redução de área de 22% na atual temporada, com a produção 1% superior em relação à safra passada e com uma produtividade 25%

maior. Em Londrina, na região Norte, o produtor Danilo Biscaro Loureiro, vai terminar de colher os 333 hectares de trigo daqui a 20 dias. Lá, os períodos de seca prejudicaram as plantações durante a fase de perfilhamento e a produtividade caiu mais que 50%. “Na última safra colhemos 57 sacas e agora 26 sacas por hectare”, compara.

Em Rolândia e Araongas, também no Norte paranaense, o engenheiro-agrônomo Alexandre Teston Semensato, responsável pela unidade regional da Cooperativa Cocamar, relata que ocorreu uma quebra de produtividade da cultura entre 20% a 25%. “A qualidade está boa, com PH alto, mas a produtividade está muita baixa”,





Ricardo Aguiar Wolter



Nelson Natalino Paludo



Arceny Bocalon

observa. Segundo ele, a expectativa dessa unidade da Cocamar era receber 500 mil sacas de trigo nessa temporada. Diante do atual cenário, esse volume caiu para 380 mil sacas.

Além da quebra de produtividade, de acordo com Alexandre, os preços não estão acompanhando os custos de produção. Na safra passada, a saca estava cotada a R\$ 38, o mesmo na atual temporada, no entanto, de lá para cá, os custos de produção subiram entre 12% e 25%.

Esse cenário de preços baixos desestimulou diversos produtores rurais a investir na cultura. É o caso do presidente do Sindicato Rural de Toledo, Nelson Natalino Paludo, que há quatro anos desistiu do plantio. “É uma cultura que apresenta muitos riscos e com o preço que está hoje não compensa continuar plantando”, lamenta.

Opostos

Enquanto a região Norte sofre com a quebra de produtividade nas lavouras de trigo, no Sudoeste paranaense os produtores se preparam para uma colheita promissora daqui a duas semanas. Segundo o presidente do Sindicato Rural de São João, Arceny Bocalon, as lavouras apresentam boas condições de desenvolvimento e a expectativa é de alta produtividade. “Se o clima colaborar, com pouca chuva e sem geadas tardias, a colheita terá uma excelente qualidade”, observa Bocalon, acrescentando que a previsão é de colher 400 mil sacas.

Na região dos Campos Gerais o cenário é o mesmo. O produtor rural Ricardo Aguiar Wolter, presidente do Sindicato Rural de Carambeí, plantou uma área de 300 hectares destinada ao cereal. Segundo ele, as lavouras estão em boas condições e a colheita deve começar no próximo mês.

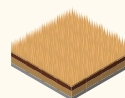
O trigo respondeu em 2015 por 3% do Valor Bruto da Produção (VBP) do Paraná com R\$ 2 bilhões. Tibagi, na região dos Campos Gerais, ocupa o primeiro lugar no ranking estadual do VBP, o que representou mais de R\$ 64 milhões no ano passado. O município concentra 38 mil hectares da cultura.

AUMENTO DE PRODUÇÃO E REDUÇÃO DE ÁREA

Safra Passada



Produção
3,28
milhões de
toneladas

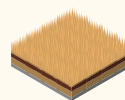


Área
1,35
milhão de
hectares

Safra Atual



Produção
3,3
milhões de
toneladas



Área
1,08
milhão de
hectares

Dados Deral/Seab

Invasoras nas pastagens

Ervas daninhas concorrem com forrageiras e diminuem rendimento das pastagens



O engenheiro-agrônomo José Renato Gonçalves é diretor-técnico da Associação dos Profissionais da Pecuária Sustentável (APPS), administrador da Fazenda Figueira e mestre em Nutrição Animal e Pastagens pela Esalq/USP. Na entrevista ao Boletim Informativo da FAEP ele discorre sobre o controle de ervas daninhas em pastagens, tema de sua palestra no XXX Congresso Brasileiro da Ciência de Plantas Daninhas, realizado em Curitiba, em agosto. Veja a seguir os principais trechos da conversa.

Boletim Informativo – Qual o impacto que a presença de plantas daninhas nas pastagens pode trazer para a pecuária?

José Renato Gonçalves – Todos os estudos conduzidos nesse sentido mostram que tem um impacto muito forte, pois ela afeta de duas maneiras a produção do pasto. Primeiro, ela reduz a produção, uma vez que compete com as plantas forrageiras por água, luz e nutrientes. Normalmente as plantas invasoras de áreas de pastagem são grandes, então essa competição é muito desleal com as forrageiras. Em segundo lugar, ela afeta bastante a eficiência de pastejo, a quantidade de pasto que

o animal consegue consumir. Quando a pastagem está muito infestada, o produtor não consegue aumentar a produtividade e começa a ter rentabilidade incompatível com o que foi investido em terra, e muito longe da rentabilidade das outras atividades agropecuárias.

O senhor quer dizer que essas pragas reduzem mesmo a rentabilidade do pecuarista?

Sim. É por isso que, muitas vezes, outras atividades do agronegócio tomam a área da pecuária. A gente está explorando a atividade de pecuária de maneira tão ineficiente que a rentabilidade é pior do que qualquer outra atividade. O que precisamos ficar atentos é que essa baixa rentabilidade não é uma característica da atividade, mas o resultado de um manejo ruim. Quando o produtor sabe usar os recursos de produção, introduzir níveis de tecnologia eficientes, fica tão competitivo quanto em qualquer outra atividade.

A preocupação com a presença de ervas daninhas nas pastagens é grande entre os pecuaristas?

As pessoas que exploram a pecuária de maneira tradicional não conseguem avaliar esse efeito. Mas estamos passando por um momento de mudança muito significativo, em que as novas gerações estão assumindo os negócios da família, com um olhar mais empresarial. Elas estão começando a ver que isso é um grande problema e tentando reverter isso com a adoção de tecnologias.

Qual é o pior tipo de erva daninha para as pastagens?

Grosseiramente falando, há dois tipos de invasoras, as “moles”, e as “duras”. A moles são um grupo relativamente mais fácil de controlar com a aplicação de herbicidas foliares. Normalmente tem ciclo anual e não forma haste. Já as plantas duras têm característica mais arbustiva. A fisiologia dessas plantas as defende do herbicida foliar. Nesse caso é preciso cortar rente ao solo e aplicar o herbicida no toco. Essas são as mais difíceis de controlar.

Existem nas pastagens plantas daninhas resistentes aos herbicidas?

Na verdade, toda planta tem mecanismos de defesa. Quando a gente fala que ela é resistente, não é que ela não sinta a presença daquele herbicida, é que ela tem mecanismos de translocação dessa substância dentro da planta que dificulta o controle. Na região Centro-Oeste nós temos uma planta chamada “ciganinha”, que tem um sistema radicular muito grande, quando você aplica o herbicida ele não consegue percorrer toda essa extensão e ela acaba rebrotando.

Quais as regiões do Estado onde as pastagens estão mais suscetíveis às plantas daninhas?

O Paraná, por ter uma logística muito boa para a agricultura – estamos perto do porto de Paranaguá, por onde escoamos boa parte da nossa produção –, se especializou em profissões agrícolas e as pessoas têm mais facilidade em enxergar rentabilidade na agricultura. Então a pecuária ficou concentrada em áreas de grande declividade, áreas de morro. Se pegar a região próxima a Londrina, Ortigueira, Faxinal, essas áreas de topografia mais acidentada, nós estamos tendo problema com plantas invasoras duras porque não está sendo feito nenhum aporte de tecnologia, pois a mecanização é mais difícil. No Noroeste, na região do arenito, por ter um solo um pou-

co mais fraco, a fertilidade natural cai um pouco e você começa a ter a invasão de plantas daninhas por conta da diminuição da população do capim, abrindo espaço para a entrada das plantas daninhas.

Que tipo de cuidados os pecuaristas devem adotar para evitar a presença de plantas daninhas nas pastagens?

Se ele já tem uma população de plantas daninhas estabelecida, aí não tem jeito, tem que fazer o controle. Mas se a pastagem ainda estiver num mínimo que consiga responder à eliminação dessa planta daninha, ou o produtor faz pulverização com herbicida ou faz esse controle no topo e deixa essa pastagem se recuperar. Se a pastagem estiver muito degradada, aí tem que proceder a reforma. Entrar com preparo de solo, eliminando aquela invasora e fazer nova semeadura do capim. Na hora que a planta nova vier, a gente controla a brotação.

Se não existe uma população de plantas muito grande já estabelecida na área, a melhor ferramenta que a gente tem para

evitar as ervas daninhas em pastagem é o bom manejo do solo. A planta forrageira e o capim são muito agressivos, são plantas tropicais de crescimento muito vigoroso e rápido. Por isso, um bom manejo estabelece uma competição boa entre o capim e a planta invasora. Assim o produtor consegue evitar que essas plantas apareçam.

E como os pecuaristas podem fazer o controle efetivo dessas plantas, com o uso de herbicidas, sem prejudicar a pastagem?

Os herbicidas são todos seletivos. Em geral, as plantas daninhas são de folha larga e a pastagem é de folha estreita. A gente trabalha com gramínea, com capim, e as invasoras são leguminosas. Então a gente consegue ter herbicidas que atuam só no metabolismo dessas plantas de folha larga e não prejudicam o capim. É diferente de um herbicida dissecante, como o glifosato, que ataca tudo, tanto folha larga como folha estreita. A pesquisa busca sempre produtos que sejam seletivos.



Nova estação modifica o clima no campo

Segundo o meteorologista Luiz Renato Lazinski, do Inmet, a previsão é de que as chuvas serão menos abundantes na atual temporada



O meteorologista Luiz Renato Lazinski e a engenheira-agrônoma Carla Beck durante evento em Maringá

Dia 22 de setembro marcou o início da primavera e já estamos sentindo os efeitos do *La Niña*. O frio se prolongou e houve redução de chuvas em todas as regiões do Paraná, no momento em que os produtores rurais estão preparando o solo para semear a soja com o plantio seguindo até meados de outubro. Segundo o meteorologista Luiz Renato Lazinski, do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), a previsão é de que as chuvas serão menos abundantes na comparação com a última safra de verão.

O meteorologista foi palestrante do seminário sobre Tendências Climáticas, realizado pelo Sindicato Rural de Maringá, em parceria com a FAEP, no dia 19 de setembro. Ele explicou os desdobramentos do *La Niña* para a atual temporada, com precipitações menores e mal distribuídas em todo o Estado. “Ao longo de setembro perceberemos a irregularidade das chuvas”, observou o meteorologista.

A tendência climática é de períodos com veranico em algumas regiões. “Entre novembro e dezembro, a previsão é de longos períodos sem chuvas e temperaturas mais altas”, comentou.

O desenvolvimento das lavouras de feijão pode ser prejudicado no próximo mês com as geadas tardias. A região Centro-Sul, por exemplo, em que os produtores rurais começam a colheita no final de outubro pode ser mais afetada. “Os produtores já perceberam as mudanças nos últimos meses. Estamos observando ondas mais fortes de frio, que devem ocorrer até o mês que vem. Diante da previsão das geadas nesse período, a cultura pode ser prejudicada”, avaliou.

Meio ambiente

Na sequência do seminário, a engenheira-agrônoma Carla Beck, do Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP, explicou o be-a-bá sobre o Programa de Regularização Ambiental, o PRA, e o Cadastro Ambiental Rural (CAR).

Segundo ela, 95% da área do Paraná já foi cadastrada no CAR. O período de cadastro foi prorrogado até o dia 31 de dezembro de 2017. Carla destacou a possibilidade de o produtor rural fazer alterações em relação ao preenchimento dos dados do cadastro até o final do prazo. A engenheira-agrônoma também explicou as vantagens do PRA, como isenção de multa para áreas devastadas antes de julho de 2008 e prazo de até 20 anos para recomposição das Áreas de Preservação Permanente (APPs) e de Reserva Legal (RL). “Para aderir ao Programa é necessário fazer o CAR e depois aguardar a análise do Instituto Ambiental do Paraná (IAP) que irá notificar para assinatura de um Termo de Compromisso com a descrição dos procedimentos e os prazos para a recuperação das APPs e áreas de RL, de acordo com o Código Florestal”, explicou.

A técnica também abordou o Decreto nº 4966 de 2016, que institui o Programa Integrado de Conservação de Solo e Água do Paraná, lançado pelo governo estadual no mês passado que prevê uma série de ações para recuperação de solo e água.

CNA debate sobre concessões

A possibilidade de renovação e repactuação dos contratos de concessões ferroviárias foi o principal tema debatido pela Comissão Nacional de Infraestrutura e Logística da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), durante reunião no dia 20 de setembro. Para os representantes do colegiado, o setor produtivo é favorável à quebra

do monopólio das concessões, para promover a competitividade do setor ferroviário e reduzir os custos com transporte.

O engenheiro-agrônomo do Departamento Técnico da FAEP, Nilson Hanke Camargo, participou da reunião e manifestou-se favorável à renovação dos contratos considerando os conceitos, por defender investimentos de modernização em trechos estratégicos para o Estado.



Inventário Florestal Paranaense

O Governo do Paraná iniciará a terceira e última etapa do Inventário Florestal Paranaense. No dia 13 de setembro, o secretário estadual do Meio Ambiente e Recursos Hídricos, Antonio Carlos Bonetti, assinou o contrato com a empresa Krüger Florestal, vencedora da licitação para execução dos levantamentos.

O inventário é um levantamento detalhado sobre a quantidade e a qualidade das florestas. No Paraná foi feita uma cooperação entre o Estado e o Ministério do Meio Ambiente para a elaboração do trabalho, por meio do Serviço Florestal Brasileiro e as secretarias estaduais do Meio Ambiente e Recursos Hídricos e da Agricultura e Abastecimento.

Mandioca em discussão na Colômbia

O presidente do Sindicato Rural de Paranavaí, Ivo Pierin Jr., representou os produtores brasileiros de mandioca em um evento realizado pelo Centro Internacional de Agricultura Tropical (Ciat), na cidade de Cali, na Colômbia, entre os dias 24 e 26 de agosto.

Na ocasião, o dirigente participou de um workshop com representantes de diversos países da África, Ásia, e das Américas. As discussões envolveram a troca de experiências entre os países, as perspectivas globais para o produto e as estratégias para a cultura crescer e popularizar-se.



Pesquisador brasileiro na revista da OIE

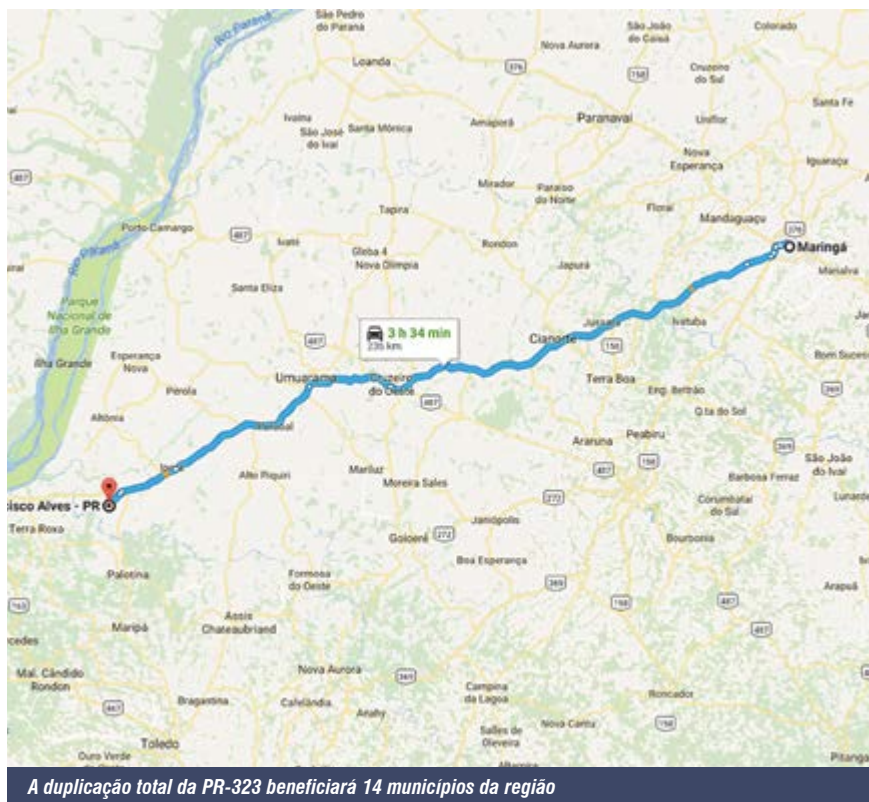
A parceria dos países latinoamericanos em ciência acaba de render mais um fruto. Os pesquisadores Martin Zumarraga, Mariana Viale, Angel Cataldi, Maria Isabel Romano e Fabiana Bigi do Instituto Nacional de Tecnologia Agropecuária (INTA-Argentina), Ana Maria Zarraga da Universidade Austral de Chile e Flávio Ribeiro Araújo da Embrapa (Brasil) publicaram um artigo científico sobre a genômica

de micobactérias no caderno temático “A genômica de patógenos e suas possibilidades de aplicações”, na revista oficial da Organização Mundial para Saúde Animal (OIE), volume 35/2016.

Na publicação, os cientistas relatam a contribuição da genômica nos estudos de evolução, virulência, epidemiologia e diagnóstico de micobactérias. O gênero *Mycobacterium* engloba agentes patógenos que causam graves enfermidades, como a tuberculose, em especial, o *M. bovis*, importante para a saúde pública pela possibilidade de infectar também humanos.

Governo cancela contrato de obras da PR-323

FAEP tinha solicitado anulação da PPP para que obra não deixasse de ser realizada



A duplicação total da PR-323 beneficiará 14 municípios da região

O Conselho Gestor de Concessões (CGC) do governo do Paraná rescindiu o contrato de Parceria Público-Privada (PPP) com a Concessionária Rota das Fronteiras para obras de modernização da PR-323, em reunião no dia 1º de setembro. No início do ano, diante das chuvas que destruíram um grande número de estradas rurais e para que a obra não deixasse de ser realizada, a FAEP já havia solicitado ao governo do Estado, por meio de ofício, a anulação do contrato de PPP e, que o transformasse em concessão, permitindo que outras empresas se habilitassem no projeto.

A modernização da PR-323 é uma reivindicação antiga da população da região Noroeste do Estado. Em 2010, associações e entidades empresariais de Maringá, Umuarama e Cianorte iniciaram uma campanha pela duplicação da rodovia. A FAEP acompanhou de perto as discussões sobre o projeto desde o seu início por entender que a obra tem grande importância por dinamizar o fluxo de cargas em uma importante região produtora do Estado, uma

vez que faz a ligação entre Guaira, na fronteira com o Paraguai, com Maringá. “Com a atual situação financeira do Estado e da União, obter recursos necessários para as obras de restabelecimento da infraestrutura no meio rural é tarefa difícil. Contudo, sugerimos uma solução através do remanejamento de recursos já previstos e que podem ser redirecionados para tal fim”, afirmou o presidente do Sistema FAEP, Ágide Meneguette a época.

No contrato para a duplicação do trecho rodoviário entre Paiçandu e Cafezal do Sul, da Rodovia 323, o Estado se comprometeu a aportar anualmente R\$ 100 milhões como sua participação obrigatória no projeto. A licitação para as obras nos 220 quilômetros da rodovia ocorreu no primeiro semestre de 2014, porém, até o momento as obras não foram iniciadas. A definição sobre a interrupção da parceria está amparada em parecer da Procuradoria Geral do Estado (PGE). Apesar de recursos administrativos apresentados pela empresa, o

entendimento é de que todos os prazos venceram e as obras não tiveram início conforme a necessidade do contrato. A Concessionária Rota das Fronteiras possui 70% de capital da Odebrecht Transport S.A, empreiteira que vem sendo investigada no âmbito da operação Lava Jato, da Polícia Federal.

Se fosse efetivada, esta seria a primeira PPP do Paraná. O orçamento total do projeto é da ordem de R\$ 7 bilhões e inclui a construção de 19 viadutos, 22 trincheiras, 13 passarelas e nove pontes, além de vias marginais e ciclovias nos trechos em que a rodovia passar por áreas urbanas.

Por enquanto o Departamento de Estradas e Rodagem (DER) deve assumir as obras de restauração e manutenção. Segundo nota oficial, o órgão já começou um estudo. A intenção do governo do Paraná é começar as obras de melhorias no menor prazo possível, pois entende que a rodovia é um importante corredor para o desenvolvimento da região Noroeste.

Simepar fornecerá mapas para análise do CAR



O Sistema Meteorológico do Paraná (Simepar) passará a produzir mapas temáticos sobre os recursos naturais, como florestas e rios, para uso nas análises dos Cadastros Ambientais

Rurais (CAR) das propriedades agrícolas paranaenses. Na terça-feira (20), o governador Beto Richa assinou o contrato de gestão entre a Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Recursos Hídricos, o Instituto Ambiental do Paraná (IAP), Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior e o Simepar para o suporte tecnológico nas análises e implantação do Sistema de Monitoramento Ambiental do Sistema do Cadastro Ambiental Rural (SiCAR) no Paraná.

O contrato de gestão é uma contrapartida do Governo do Estado para investimentos do Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES), no valor de R\$ 3 milhões. O recurso pleiteado pelo Governo do Estado junto ao BNDES para o projeto é de R\$ 18 milhões.

O Sistema de Cadastro Ambiental Rural (SiCAR) será totalmente interligado ao Sistema de Gestão Ambiental (SGA), usado atualmente pelo IAP para licenciamento e monitoramento ambiental, o órgão também fará as análises prévias das declarações do CAR.

A integração de informações dos sistemas já utilizados pelo IAP e Governo do Estado permitirá criar um mapeamento digital para melhorar o diagnóstico ambiental das propriedades rurais do Paraná e para a gestão pública ambiental do Estado.



INFORME

Veja também no site
www.fundepecpr.org.br

FUNDEPEC - PR | SÍNTESE DO DEMONSTRATIVO FINDO 31/08/2016

HISTÓRICO/CONTAS	RECEITAS EM R\$				DESPESAS EM R\$			SALDO R\$
	REPASSE SEAB		RESTITUIÇÃO DE INDENIZAÇÕES	RENDIMENTOS	TRANSFERÊNCIAS	INDENIZAÇÕES	FINANCEIRAS/BANCÁRIAS	
	1-13	14						
Saldo C/C	118,10						7,30	110,18
Taxa Cadastro e Serviços D.S.A /	403.544,18	-	-	138.681,09	542.225,27	-	-	-
Setor Bovídeos	8.444.549,48	278,44	-	34.888.876,62	-	2.341.952,64	-	41.528.262,32
Setor Suínos	10.323.319,02	2.210.606,80	-	3.627.477,85	-	181.518,99	-	15.979.884,68
Setor Aves de Corte	1.481.958,15	2.342.576,48	-	3.530.062,82	-	-	-	7.354.597,45
Setor de Equídeos	53.585,00	23.737,78	-	139.730,13	-	-	-	217.052,91
Setor Ovinos e Caprinos	123,76	-	-	13.748,23	-	-	-	19.586,84
Setor Aves de Postura	37.102,41	46.905,50	-	174.804,31	-	-	-	258.812,22
Pgto. Indenização Sacrifício de Animais*	-	-	-	-	-	141.031,00	-	(141.031,00)
CPMF e Taxas Bancárias	-	-	-	-	-	-	77.567,43	(77.567,43)
Rest. Indenização Sacrifício de Animais*	-	-	141.031,00	-	-	-	-	141.031,00
TOTAL	20.744.300,10	4.624.105,00	141.031,00	42.513.381,05	542.225,27	2.664.502,63	77.574,73	65.280.739,79
SALDO LÍQUIDO TOTAL								65.280.739,79

Ágide Meneguette
Presidente do Conselho Deliberativo

Ronei Volpi
Diretor Executivo

Simone Maria Schmidt
Contadora | CO-CRC/PR-045.388/O-9

FUNDEPEC - PR - entidade de utilidade pública - Lei Estadual nº 13.219 de 05/07/2001.

Renascença



JAA

O Sindicato Rural de Renascença promoveu, entre os dias 10 de março e 12 de agosto, o Programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA). Na parte da manhã participaram 17 alunos e na parte da tarde 19 jovens com a instrutora Nágila Lavorati.

Tibagi



Classificação de Grãos

O Sindicato Rural de Tibagi realizou, entre os dias 15 e 18 de agosto, o curso de Classificação de Grãos. Participaram 15 produtores e trabalhadores rurais com o instrutor Ramon Ponce Martins.

Campina da Lagoa



Agricultura de Precisão

O Sindicato Rural de Campina da Lagoa realizou, entre os dias 10 e 12 de agosto, o curso Trabalhador na Agricultura de Precisão - introdução à agricultura de precisão. Participaram 12 produtores e trabalhadores rurais com o instrutor Mauro Cesar Volponi dos Santos.

Ortigueira



Colhedora

O Sindicato Rural de Ortigueira promoveu, entre os dias 18 e 20 de agosto, o curso de Colhedora Axial. Participaram nove produtores da região com o instrutor Newton Cardoso.

São Mateus do Sul



JAA

O Sindicato Rural de São Mateus do Sul iniciou, em março, o programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA) Preparando para a gestão. Os encontros acontecem até novembro com a instrutora Daniele Horszyn.

Santo Antônio da Platina



Formatura JAA

O Sindicato Rural de Santo Antônio da Platina promoveu, em sua extensão de base em Jundiá do Sul, a entrega dos certificados do programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA), no dia 26 de agosto. Participaram 28 formandos com a instrutora Lidiane Braga.

Campina da Lagoa e de Uiratã



Viagem Expointer

Associados e membros da diretoria dos sindicatos rurais de Campina da Lagoa e de Uiratã realizaram uma viagem técnica ao Rio Grande do Sul para visitar a exposição agropecuária Expointer, na cidade de Esteio. O grupo de 43 pessoas saiu no dia 31 de agosto e retornou no dia 4 de setembro.

Rio Azul



Panificação

O Sindicato Rural de Rio Azul realizou, nos dias 27 e 28 de julho, em parceria com a Emater, o curso de Panificação. Participaram 17 pessoas com a instrutora Marilsa Simone Retzlaff.



Mãe tatu

Faisca adotou Pancho e Panda como filhos. A questão é que Faisca é uma cadela e Pancho e Panda são tatus. Mas, o amor de mãe foi tão forte que ela está até amamentando. Ela desenvolveu uma gravidez psicologia, por sua vez, os tatusinhos estão tendo reações de cachorro. A nova família vive em Guaporema, no Noroeste do Paraná.



Recorde

O corredor francês Clément Gass bateu um recorde mundial. Ele percorreu 54 km Haut-Koenigsbourg em pouco mais de 9h38. A façanha é que Gass é cego.

Pirâmides

Civilizações do Sudão, México, Guatemala, Peru, Grécia e China também construíram pirâmides. As mais famosas fora do Egito são as pirâmides maias, localizadas no México e na Guatemala.

Existem cerca de 110 pirâmides conhecidas no Egito. O país com o maior número de construções desse tipo, no entanto, é provavelmente o vizinho Sudão – chamado na antiguidade de Núbia –, com cerca de 220 pirâmides.



Foca

A foca Charly é de parar o trânsito. Literalmente, porque ela causou o maior tumulto, bem na hora do rush, na cidade alemã de Coburg ao fugir de um circo. Ela foi recapturada pela polícia e devolvida ao circo.



Durma

Somos propensos a morrer mais rápido por não dormir do que por não comer. O homem suporta apenas 10 dias sem dormir, mas semanas sem comer. Então durma!

Sogra é sogra

A família estava fazendo uma longa viagem de carro: pai, mãe, filhos e sogra. Até que as crianças, com sua agitação natural, estavam suportáveis. Mas a velha não parava de gritar, resmungar, se debater. O genro não aguentava mais ouvir berros então parou o carro e tomou uma atitude drástica. Irritado, abriu a porta, saiu do veículo, destrancou o porta-malas e falou:

-Tudo bem, já chega! A senhora pode ir lá pra frente. Mas se der um pio volta pra cá, de novo!



Aquarela

Olha o cenário que o Rafael Viganó Tesser tem na propriedade dele em Pato Branco. A imagem ele registrou num domingo à tarde, enquanto pescava.

Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo e-mail: imprensa@faep.com.br

Homem mais rico

Mansa Musa ocupa o primeiro lugar entre os mais ricos do mundo. Imperador do Mali durante o século 14, ele acumulou uma fortuna que hoje equivaleria a impressionantes US\$ 400 bilhões. Grande parte desse dinheiro vinha principalmente das grandes minas de Mali, que chegaram a ser responsáveis por metade do ouro que circulava na África, na Europa e na Ásia.



O livro dos recordes

Em 1951, o irlandês Hugh Beaver se gabava de ser exímio atirador. O título foi derrubado por um bando de taramolas, uma ave de pernas longas parecida com a cegonha, que ele não conseguiu acertar. Ao virar piada entre os amigos ele se defendeu dizendo que se tratava da espécie mais rápida da Europa. Humilhado, Hugh decidiu fazer pesquisas para provar sua tese sobre a velocidade de voo das taramolas. Não apenas não encontrou a informação, como descobriu que nenhuma publicação dizia qual animal era o mais rápido, o maior, o mais leve e assim por diante. Assim, em 27 de agosto de 1955, foi publicada a primeira edição do Guinness, o livro dos recordes.



Hipervelocidade

Você já deve ter feito um pedido ao olhar para o céu numa noite estrelada. O seu pedido foi feito na verdade para meteoros. Mas, as estrelas cadentes existem - e são raríssimas: uma em 100 milhões. Então, matematicamente você tem uma chance em um milhão de ter acertado.

Número 1 ou 2?

Se um bebê se alimenta na barriga da mãe, será que ele também faz xixi e cocô? Sim e não. Eles fazem o número um que é basicamente água. O número dois, é um líquido pegajoso e esverdeado chamado mecônio que será eliminado quando o bebê nascer.



Ética

A ética do senhor do tráfico

Quando o crime organizado demonstra ter um código de ética mais forte do que o cidadão de bem, tem algo de errado com a sociedade

O repórter Roberto Cabrini entrevistou Luiz Fernando da Costa, o Fernandinho Beira-Mar, um dos maiores traficantes de armas e drogas da América Latina. Condenado a mais de 200 anos de prisão, cumpre pena na Penitenciária Federal de Segurança Máxima de Porto Velho, em Rondônia, Norte do Brasil.

Abaixo algumas trechos da entrevista exibida no programa Conexão Repórter que mostram que a ética do crime causa espanto pela sua rigidez e poderia ser adotada pelos que na vida pública se consideram acima do bem e do mal.

Cabrini- O que determinou sua entrada no tráfico de droga?

Beira Mar - Entrei no crime pra arrumar uma forma pra sair da pobreza. Tinha a falsa ilusão de que ia conseguir um dinheiro pra montar um negócio. Ai vem a ambição. Primeiro você quer um tênis, um carro, depois uma lancha...

C- Quantos anos você tinha quando se tornou líder do tráfico?

BM - 14 para 15 anos.

C- Quem era a sua referência no tráfico?

BM - Um traficante da área que ainda tá vivo e não posso falar o nome. Eu gostava muito dele. O que me atrai nele é o que me atrai em qualquer ser humano. É o cara ser justo, ser verdadeiro. Ter somente uma palavra.

C- Você é um cara que só tem uma palavra?

BM - Eu sou assim. A única coisa que o cara que tá na vida errada tem é a palavra. Se a gente não puder manter isso.

C- Seus planos no crime sempre foram audaciosos?

BM - Não se trata de ser audacioso. O que penso é que se você vai fazer alguma coisa, procure ser o melhor naquilo que você faz em qualquer área da sua vida.

C- Você foi o melhor naquilo que você fez?

BM - Não sei se fui o melhor. Sei que na época em que fazia coisas erradas, procurei tentar ser. Tentar chegar onde poucas pessoas conseguiram chegar.

C- Tem orgulho do que?

BM - De muita coisa. Isso passo para os meus filhos. Do meu nome.

Moral

Você nunca vai ouvir falar que o Beira Mar fez sacanagem com quem quer que seja.

C - Qual o temor do grande Fernandinho Beira Mar?

BM - Tenho temor como qualquer ser humano. Perder minha família, ver meus filhos ou qualquer parente meu entrar pro caminho errado.

C- Você é implacável com os seus inimigos?

BM - Eu trato o próximo como gostaria de ser tratado, seja amigo ou inimigo.

A última é a pérola da ironia e nos faz refletir.

C- O que dá mais lucro no mundo do crime, tráfico de maconha, de cocaína ou de armas?

BM - No mundo do crime é a política que dá mais dinheiro.

Mas, ele conclui que o crime realmente não compensa.

"Tô aqui... não tô? Não tô usufruindo de nada disso".

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE
CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em / / _____ Responsável
Em / / _____

SISTEMA FAEP



FAEP
FEDERAÇÃO DA AGRICULTURA
DO ESTADO DO PARANÁ



SISTEMA FAEP/SENAR-PR

FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br
SENAR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

A versão digital deste informativo
está disponível no site:

sistemafaep.org.br